

# A CIDADE NA PÓS-MODERNIDADE entre a ficção e a realidade\*

ESTER LIMONAD  
Universidade Federal Fluminense

*Telas falam colorido  
de crianças coloridas  
de um gênio, televisor  
E no andor de nossos novos santos  
o sinal de velhos tempos:  
morte, morte, morte ao amor*

*Eles não falam do mar e dos peixes  
nem deixam ver a moça, pura canção  
nem ver nascer a flor, nem ver nascer o sol  
e eu apenas sou um a mais, um a mais  
a falar dessa dor, a nossa dor*

(Fernando Brandt 1974)<sup>1</sup>

## Abertura

Milhares de homens aglomerados em um local empenhados em um trabalho contínuo, contando apenas com a força bruta de seus corpos, empunhando rudimentares

---

\* Uma primeira versão deste texto foi apresentada no IV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional realizado em Salvador, em 1991, com o título “Cidade e Tecnologia na Pós-Modernidade” e publicada nos Anais do Encontro. A atual versão foi revista e reformulada em alguns pontos e no concernente a algumas referências bibliográficas e filmográficas.

<sup>1</sup> Fernando Brandt - letra da música “Milagre dos Peixes” de Milton Nascimento, Odeon, 1974

ferramentas e instrumentos, carregando enormes volumes tal e qual burros de carga, onde quem tomba por fadiga ou doença, é carregado por uma infinidade de mãos. Assemelhando-se a formigas em ininterrupta labuta no interior de uma cavidade descomunal a extrair matéria do solo em precárias condições, desenvolvendo laços de trabalho e solidariedade. Cem mil ou duzentos mil, não se pode dizer, parecem uma infinidade.

Tais imagens abrem o documentário *Powaqqatsi*<sup>2</sup> (*Powaqqatsi* de Godfrey Reggio, USA, George Lucas e Francis F. Coppola / Golam Globus, 1988), em que, apesar de não se ouvir uma única palavra, fala-nos com rara riqueza do mundo contemporâneo. Relembra, anacronicamente, uma superprodução cinematográfica dos áureos tempos da Metro Goldwyn Mayer, cenas de construções de uma pirâmide em *Os dez mandamentos* de Cecil B. de Mille (*The ten commandments*, USA, Metro Goldwyn Mayer, 1956). Onde, a despeito da quantidade de indivíduos que ali vivem, trabalham, comem e se reproduzem não há cidade ou nada que se assemelhe. Uma aglomeração sem urbano. Este formigueiro humano em atividade ininterrupta, sugere-nos a edificação de uma obra monumental, porém no desenrolar da ação percebermos tratar-se não de uma construção, em algum lugar exótico e distante em um passado remoto, mas de um trabalho extrativo, acontecendo em meio à Amazônia brasileira, em Serra Pelada.

Na era do progresso tecnológico, marcada por viagens espaciais, *space-shuttles*, *space-labs*, guerra nas estrelas e guerra de guerrilhas permanecem ainda atividades onde a força bruta ainda é utilizada como força motriz, a despeito da existência da máquina. Como interpretar as imagens do filme, onde homens empurram imensos contêineres industriais para embarcá-los em modernos navios e transportam sobre seus lombos pesados volumes em meio a sofisticados maquinários, senão como um dos traços da pós-modernidade (“subdesenvolvida” ?) de uma era onde o futuro se afirma e o passado ainda não deixou de existir mesmo nos grandes centros, onde a miséria e a degradação manifestam-se em torno dos interstícios de desenvolvimento tecnológico e riqueza?

Esta abertura fez-me pensar em todas as discussões a respeito do que é a cidade. E mais do que nunca o fator quantitativo e dimensional perderam peso. O que dizer de uma aglomeração de milhares de indivíduos, em número muito maior do que o de muitas outras aglomerações reputadas como cidades, desenvolvendo relações sociais cotidianas de trabalho para prover sua reprodução e subsistência, contando com nada mais que o suor de sua própria pele e rústicos instrumentos de trabalho onde sequer se vislumbra algo que lembre uma cidade, habitando em tendas... Urbano efêmero? Mas será mesmo isso urbano ?

---

<sup>2</sup> *Powaqqatsi*: palavra do dialeto hopi “Modo de vida ou forma de vida que para manter-se alimenta-se de outras formas ou modos de vida”

Este artigo serve-me para levantar *experimentalmente*, sem maiores pretensões, pontos que me permitam interrelacionar os conceitos “quadro de vida”, “condição de existência” e “modo de vida”, necessários para a compreensão de alguns aspectos da diversidade e complexidade da totalidade no urbano hoje.

Os atuais enfoques das questões urbanas pelas ciências humanas propiciam um certo isolamento da reflexão (RIBEIRO, 1989:3). Isolamento necessário, porém esterilizador por deixar de refletir acerca dos possíveis vínculos e interrelações orgânicas existentes em outros tantos níveis da realidade. A presente fragmentação do pensamento contemporâneo opõe-se ao senso “clássico” de totalidade, fundado na crença de a vida moderna implicar um todo coerente, uma unidade de vida e experiências envolvendo diversas instâncias na modernidade - partilhado no século XIX por Goethe, no *Fausto*, e por Marx, no conjunto de sua obra (BERMAN, 1986: 87)

A necessidade de objetividade da ciência leva-nos, por vezes, a tomarmos como objeto de estudo fragmentos de uma rica realidade social, e ao buscarmos compreender esta totalidade complexa e diversificada, que nos escapa, muitas vezes tomamos a parte pelo todo, em sendo impraticável estudarmos o todo. Não há como fazê-lo, todavia, sem cortes heurísticos; assim, devemos ser cuidadosos para não cair em generalizações apressadas e teorizações equivocadas, dados os riscos de por um processo de catarse identificarmos e vermos seletivamente apenas o que desejamos. Há, pois, um descuido em se estudar e analisar o que nos é familiar, através de um processo de estranhamento do familiar, transmutando-o em exótico – a este respeito, adverte-nos Velho (1978) em seu trabalho *Observando o familiar*.

Resta esclarecer haver este artigo surgido como fruto da reflexão sobre o documentário *Powaqqatsi*, ao qual somamos um conjunto de filmes de ficção científica, que tomam a cidade em função do desenvolvimento tecnológico. Consideramos válido tal exercício em virtude destes filmes serem portadores de uma leitura e idealização sofisticada da realidade, apesar de não procederem a uma leitura científica desta realidade. Não é nossa intenção analisar a mensagem destes filmes, mas tomar emprestadas suas imagens para nutrir e ilustrar este ensaio.

O filme *Powaqqatsi* propicia-nos estranhar o familiar, por suas imagens contrapostas de sociedades diversas (do Brasil, do Quênia, de Israel, do Egito, da Alemanha, da Bolívia, do Nepal e da Índia entre outros), ao fornecer-nos alguns elementos para refletir acerca do que seja a condição de existência, quadro de vida e quanto o conceito de qualidade de vida é circunstancial e totalizador de algo que não pode ser condensado e reificado. Neste filme interrelacionam-se homem, natureza, diferentes padrões de vida, desenvolvimento das forças produtivas, modo de viver e reproduzir a vida material no cotidiano e modo de produção (econômico, social e cultural).

Ao contemplar-nos com uma brutal carga de informação, obriga-nos a refletir sobre a diversidade do concreto real, sobre a coexistência espaço-temporal de formas pertencentes a um passado não tão remoto com outras de um futuro que apenas desponta.

As imagens são belas esteticamente, principalmente as da pobreza. Não se trata, no entanto, de chorar um elo perdido e o ilusório bucolismo da vida campestre, mas de

refletir acerca das conseqüências no cotidiano geradas, em menos de um século, pelas avassaladoras transformações propiciadas pelo desenvolvimento tecnológico, industrial e urbano. E, por outra parte, não se trata de dizer que há uma realidade una, mas de absorver e perceber que os processos apontados ocorrem aqui ou ali, agora de maneira específica.

Entre os pontos que nos chamaram a atenção no filme estão alguns concernentes a elementos utilizados para definir o urbano: aglomeração de seres humanos em um dado espaço desenvolvendo atividades de produção, dimensão destas aglomerações, a aglomeração sem urbano; a mudança de significado de atos e ações; a transformação da paisagem e o papel das telecomunicações que tendem a conformar e normatizar o comportamento e a vida da população mediante uma pasteurização cultural, que nos torna espectadores dos acontecimentos e educa-nos para o consumo.

O filme passa uma idéia de desencanto com o progresso, ao proceder a uma leitura quase weberiana dos aspectos e modos de vida no Terceiro Mundo e nas sociedades pós-industriais. À riqueza de cores e tranqüilidade das sociedades mais atrasadas opõe-nos o cinza e o movimento das sociedades mais desenvolvidas.

Por outra parte, o conjunto de filmes de *science fiction* cujo caráter contrapõe-se à visão estética da filmografia de George Lucas e Steven Spielberg, ao apresentar-nos uma visão radicalizada às últimas conseqüências dos contrastes e nuances da sociedade atual, ao criar hipotéticos e quase “irreais” *mise-en-scene* de cidades de sociedades futuras, permitem-nos encontrar mais pontos de contato entre a ficção e a realidade, do que gostaríamos de admitir. Constituem-se destarte um viés privilegiado para retratar a pós-modernidade:

*Como uma época marcada pelo fim das grandes empresas e utopias pode pensar o futuro? Em primeiro lugar, como catástrofe, um mundo em ruínas, saturado de lixo, onde a mais sofisticada tecnologia convive com a decadência urbana absoluta. Mas também o futuro pode aparecer, na medida em que nada há à frente, como passado. Futuro reciclado pelo olhar nostálgico do contemporâneo, não como possibilidade efetiva de porvir, mas como imagierie e simulação (PEIXOTO e OLALQUIAGA, 1988:75).*

## **1ª Cena: O novo já nasce obsoleto**

A revolução cibernética, a informatização crescente e a expansão das redes de telecomunicação contribuíram para uma alteração substancial nas relações sociais de produção e na vida dos habitantes das grandes cidades. Talvez de proporções muito maiores do que as suscitadas com o aparecimento do motor à combustão há menos de cem anos.

Mais do que nunca urge refletir acerca do significado das inovações tecnológicas e suas conseqüências e desdobramentos no cotidiano de milhões, seja atingindo-os dire-

ta ou indiretamente. Pois, se vivemos em um mundo eminentemente urbano há que se pensar nas especificidades e diferenciações que particularizam cada situação em função de determinantes sociais, culturais e políticos além do econômico.

As transformações resultantes do desenvolvimento e inovações tecnológicas que atingiram a sociedade a nível mundial, apenas se fazem sentir a despeito da velocidade acelerada de introdução de novas tecnologias e obsolescência de outras. Se a televisão a cores demorou anos a ser introduzida no Brasil, hoje os lançamentos dos produtos mais recentes da tecnologia são assimilados quase instantaneamente.

Não se pode relevar ser a obsolescência mais veloz. Mal se introduz um novo equipamento no mercado, já lá está outro mais moderno e eficiente. É bem verdade que a sofisticação de determinados produtos não possui significado maior para o consumidor comum, representando apenas mais uma estratégia de vendas. Mais relevante ainda é a obsolescência do consumo e das necessidades, que transmutam-se e são reconfiguradas e conformadas quotidianamente onde quer que haja um aparelho receptor de ondas televisivas ou radiofônicas. Entre as distorções do consumo as PNADs<sup>3</sup> apontam que 100% da população de baixa-renda nos grandes centros do Brasil possui aparelho de televisão, porém sequer 80% desta população dispõe de fogão, geladeira ou filtro de água.

A transformação das relações sociais de produção no Vale do Silício, na Califórnia, aponta, desde 1980, uma nova tendência de organização do trabalho e da produção com desdobramentos que envolvem a organização do território e o papel da cidade enquanto *locus* da produção e do consumo<sup>4</sup>. Tendências *similares* de desconcentração e descentralização das unidades de produção já se faziam presentes, então, no interior de São Paulo no setor de laticínios e avicultura; em Santa Catarina, na suinocultura; e em várias áreas do país na citricultura plenamente vinculada às oscilações do preço da laranja no mercado mundial em função das variações climáticas na região da Flórida no sudeste dos Estados Unidos.

Devido às novas tecnologias de comunicação, ao desenvolvimento da telemática, aos satélites espaciais, temos hoje uma homogeneização cultural e do consumo. O consumo internacionaliza-se. Entretanto, a despeito do advento da sociedade de massas, os apelos ao consumo, e ele mesmo, encontram-se direcionados a determinados segmentos sociais. Se as burguesias nacionais seguem padrões similares de consumo a nível internacional, facilitados pelo desenvolvimento tecnológico, a miséria também tem padrões internacionais. Enormes contingentes de trabalhadores, subempregados, sub-remunerados, sub-sub..., sequer têm acesso à tecnologia, apesar de viverem em um meio tecnológico altamente desenvolvido. Se por um lado temos uma homogeneidade cultural e de padrões de consumo e de vida, por outro temos um tecido social heterogêneo onde a diversidade impera.

<sup>3</sup> Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio - PNAD realizada periodicamente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>4</sup> Vide a este respeito CASTELLS, M. (1987) "Urbanismo, crise e qualidade de vida", Rio de Janeiro, *Revista Projeto*.

## 2ª Cena Partida: O “locus” da loucura

Rapidamente, a cidade tal como a conhecemos está se tornando um fato obsoleto. A velocidade dos acontecimentos e das transformações ocorridas, em todos os âmbitos da vida social, cultural política e econômica nas últimas décadas nesta passagem de século, supera em muito a capacidade de assimilação por parte da produção científica e defronta-nos com um problema restritivo, a ser superado no estudo dos fatos sociais.

Com a revolução tecnológica, informática, a cidade deixa de ser o *locus* privilegiado da produção e torna-se espaço do consumo - em que se consome não apenas na cidade, mas a cidade enquanto objeto e representação<sup>5</sup>. A cidade da sociedade pós-industrial, pretensamente pós-moderna, apresenta-se-nos como um produto do desenvolvimento tecnológico vis-à-vis à deterioração do meio ambiente, do desperdício. Os serviços agigantam-se; as relações sociais e a vida material deterioram-se, acompanhando a degradação da natureza e do próprio homem. A macrocefalia e o gigantismo das instituições contribuem para distanciar a sociedade civil dos mecanismos de decisão, as necessidades interpostas pela vida moderna contribuem para alijar os indivíduos da participação política. O niilismo burguês é levado às últimas conseqüências (BERMAN, 1986 :93-98). A medida de um homem passa a ser seu êxito em meio ao acirramento da desumanização das relações sociais de produção.

Trata-se de alertar para as especificidades e para a necessidade de se qualificar estas cidades. Se a metrópole encontra-se presente em todas as partes isto não equipara uma cidade no interior do estado do Rio de Janeiro, que é dormitório para um distrito de um município vizinho, a uma cidade no sertão do Ceará, Maranhão ou Amapá (onde existem apenas seis cidades); onde apesar da chegada do “progresso” vive-se ainda em condições pré-capitalistas, onde o cotidiano de seus habitantes difere qualitativamente do dia-a-dia dos habitantes de uma grande cidade, onde a interrelação entre campo e cidade expressa-se de maneira distinta em termos de intensidade, velocidade e qualidade, de necessidades materiais e de meios para suprir a reprodução social e a sobrevivência cotidiana. As diferenças qualitativas no cotidiano expressam-se mais que no modo de vida, no quadro de vida e condição de existência destas populações.

O significado de atos corriqueiros de nosso cotidiano, como o simples ato de abrir uma torneira, o apertar de um interruptor de luz ou a descarga de uma privada trazem em si uma carga de revolução tecnológica e desenvolvimento das forças produtivas que por vezes nos escapa por estar tão entranhado em nossa vida diária. Já se disse que a ciência é a arte de se estudar o óbvio. Um ato corriqueiro, realizado incontáveis vezes no decorrer de um dia, poupador de uma energia brutal, em termos de tempo e

---

<sup>5</sup> Em um texto mais recente esta discussão é retomada: vide LIMONAD e RANDOLPH. 2000.

trabalho para aqueles que dispõem destas maravilhas da moderna tecnologia. Corriqueiras, mas não usuais.

Não se trata de ignorar a miscelânea do que ocorre. Um dos paradoxos que enfrentamos em nossa análise é o fato de vivermos em uma sociedade pós-moderna que ainda não atingiu por completo a modernidade. Anos atrás falava-se em coexistência de formas arcaicas e modernas, em desenvolvimento desigual e combinado. Hoje assistimos, presenciamos e vivenciamos uma articulação quase orgânica entre estas formas. Senão, como explicar o peso crescente do setor informal, tanto nas sociedades industriais quanto nas pós-industriais, próprio do caráter do capitalismo nos países periféricos?

Na passagem para o século XXI, 75% da população brasileira vive em cidades. Tornamo-nos uma nação urbana. Há, porém, que se fazer algumas ressalvas neste sentido. Ao constatarmos tal fato, nós, habitantes de grandes cidades, que usufruímos das benesses do desenvolvimento tecnológico em maior grau, associamo-lo de imediato a imagens e idéias de um modo de vida para nós familiar e corriqueiro. Algo ligado a nosso conhecimento acumulado e experiência vivida, a signos, símbolos, códigos de comunicação e comportamento familiares, aos quais respondemos quase automaticamente. Exóticos, porém, para aqueles que não compartilham e não vivenciaram processos intrínsecos ao nosso cotidiano, ao modo de vida de uma grande cidade.

Dizer que o Brasil transformou-se em um território onde as pessoas vivem eminentemente em cidades é em última instância forçar uma imagem de uma totalidade homogênea e pasteurizada. Não que tal homogeneização não exista. Trata-se sim, de perceber que, internamente a esta homogeneização, há uma grande heterogeneidade em termos de *qualidade*.

### **3ª Cena: Caminhando pelo des(c)erto**

Imagens idílicas e enevoadas de mulheres em trajes esvoaçantes, caminhando nas areias do deserto com pesados fardos de roupa, com volumes de dejetos; aguadeiros descalços com volumosos potes, homens e mulheres caminhando para a lida diária no campo, no mar em precárias jangadas, carregando lenha, cana, etc... contando apenas com suas mãos, com a força de seus corpos e com rudimentares ferramentas de trabalho.

Tais imagens fazem-nos pensar na coexistência temporal, necessária, de formas diversas de produzir e reproduzir a vida material no cotidiano. Ao resgatar as condições e o quadro de vida em um processo pré-capitalista, apresentam-nos o gradual domínio do homem sobre as forças da natureza, a dura labuta diária em condições primitivas onde arrisca a própria vida. Aponta para a dureza e desconforto material em que largas parcelas de população sobrevivem. Anula, assim, a visão utópica da “boa vida” do paraíso perdido no campo, da vida sem as maravilhas do progresso tecnológico, a despeito da beleza estética das imagens.

A articulação entre o tradicional e o moderno insinua-se em pequenos detalhes aparentemente destituídos de importância, como na cena onde uma mulher caminha descalça, por uma estrada de terra batida, em vestes tribais, o filho carregado às costas, um balde de plástico na cabeça... Ou ao mostrar pessoas na grande cidade em vestes ocidentais com enormes volumes na cabeça. Detalhes reveladores de uma mudança de significado para velhas ações, primeiro intrínsecas à subsistência, agora parte de um processo de trabalho.

A sucessão de imagens de um cotidiano duro, adultos e crianças carregando comida, lenha, lixo, enormes potes, tudo que é necessário para a subsistência no dia-a-dia. Caminhando para o trabalho carregando suas ferramentas e utensílios. O abastecimento d'água feito por meio de poços, os fogões de lenha, as mós manuais, a pesca em jangadas precárias, etc... Imagens de um passado distante, acontecendo em diversos lugares agora. A lavagem de roupas em rios, em tanques comunitários, o banho coletivo em via pública, parecem escapar ao cotidiano de uma grande cidade, mas encontram-se presentes nas favelas e assentamentos insalubres existentes nos grandes centros urbanos.

Com o desenvolvimento tecnológico o tempo ganha uma nova dimensão que passa a interferir não só nos processos de trabalho mas no próprio modo de vida, conferindo-lhe maior intensidade e velocidade, desdobrando-se em outro espaço de vida: o urbano como o conhecemos – a grande cidade. Neste espaço o ato de caminhar perde seu significado inicial, de meio de locomoção passa a ser exercício, agora espera-se pelo transporte, mesmo que com o tráfego engarrafado se vá mais devagar. O ato de soerguer e transportar grandes volumes, de dispendir força física, necessário onde o progresso tecnológico ainda não chegou, nas grandes cidades, para certas parcelas de população transforma-se em ginástica.

Atos e ações de um cotidiano, próprias de um passado distante, permanecem ainda hoje nas sociedades capitalistas, onde ganham um novo significado. Ocorre uma mudança qualitativa porém não substantiva nestes atos.

Patente na degradação da natureza pelo homem e na degradação do próprio homem nas grandes cidades, o filme expõe-nos a poluição, o desperdício, o lixo. Cenas de mundo cão, onde pessoas caminham e carregam coisas não mais nos campos, mas em um mar de gente, carros e prédios, envoltos não mais em uma bruma matinal, mas pela poluição. Carregam não elementos inerentes à sua subsistência, mas peças industrializadas, enormes volumes, etc. Catam não mariscos nas areias da praia, mas seu sustento no lixo das grandes cidades.

Se no primeiro momento do filme é retratado o não-moderno, e no segundo o moderno, no terceiro momento ambos se mesclam. Ao fundo uma litania em árabe (Alá seja louvado) colada à imagem de um carro destruído em uma via expressa, momento onde imagens íntegras em movimento se esvanecem, lembrando que tudo que é sólido desmancha no ar, em uma paródia a Berman. Traz-nos a idéia da constante dissolução e recriação da sociedade industrial, tal como a mitológica Fênix, da constante renovação de estruturas. Lamento apropriado por apresentar a degradação, o



desperdício, a miséria, a perda da identidade individual, a alienação do homem, em constante correria sem perceber o que está e acontece ao seu redor. A desumanização do indivíduo.

A liberação da capacidade de trabalho para o desenvolvimento traduz-se em mudança e renovação permanentes de todos os modos de vida pessoal e social: quem estiver ao alcance do esforço embutido no trabalho e necessidades cotidianas da economia burguesa é pressionado a competir e inovar. Porém, se a condição de existência da burguesia reside na revolução constante dos meios de produção, as forças mestras da economia não podem ser separadas da totalidade da vida. Assim, transformar as condições da produção significa transformar não só as relações sociais, mas o modo de vida das diversas classes sociais.

Vivemos um estranho paradoxo onde o movimento representa desenvolvimento, mudança, crise e caos necessário, e onde a entropia e estabilidade sólida e programada representam morte lenta. O niilismo burguês é simultaneamente desintegrador e catalisador da mobilização social e integração. Se a sociedade burguesa está caindo aos pedaços, está viva e em forma, em processo de renovação permanente. Neste contexto o homem moderno deve aspirar à mobilidade e renovação do presente e não se lamentar pelas relações fixas e imobilizadas do passado (BERMAN, 1986 :93-98).

#### **4ª Cena: Na trilha da fantasia telecomunicativa**

A homogeneidade e esterilização cultural apresenta-se-nos hoje de forma palpável nos comerciais de televisão e nos apelos ao consumo. A capacidade de apropriação e assimilação do capitalismo expressa-se mesmo nas mais irrisórias manifestações. Se ainda hoje vemos cenas de muros pichados em algum país da América Central com os dizeres “*Yankee go home*”, não podemos esquecer da paráfrase propagandista utilizada há alguns anos em um comercial: “*by Pan Am*”...

No filme *Powaqqatsi*, o momento dos *flashes* comerciais e de jornais de todas as partes do mundo é elucidativo e indicativo da homogeneização em que uma parcela do mundo vive. Imagens ideologizantes que traduzem o todo pela parte (como soem fazer as maiores redes de televisão brasileiras - Globo e SBT).

Em outra seqüência, sensuais bocas bem contornadas por luminosos batons, olhos brilhantes delineados e ensombreados, cabelos suaves macios e ondulantes, dentes cintilantes, líquidos refrescantes borbulhantes com brilhantes pedras de gelo em copos translúcidos dissolvem-se uniformemente em inúmeras propagandas comerciais televisivas oriundas das mais diversas partes do mundo, sugerindo-nos um padrão similar de consumo, status... e modo de vida. A sociedade de massas está aí. Não é nossa intenção proceder a uma análise do apelo destes comerciais mas apenas usá-lo como exemplo para a pasteurização cultural condicionante do consumo.

Telejornais dos mais diversos pontos do globo, apresentados por jornalistas que mal e mal se diferenciam fisionomicamente, onde o único traço destoante é a mesura

formal em cumprimento aos telespectadores japoneses, apresentam quotidianamente cenas similares de miséria, guerra, prosperidade, líderes das grandes potências em mais um encontro apertando as mãos, com largos sorrisos para as câmaras. A decolagem de satélites e ônibus espaciais sugere-nos o despontar de um futuro, mal e mal vislumbrado há quarenta anos pelos filmes de ficção científica - tal como no filme *The day the Earth stood still*, de Robert Wise (USA, 20th Century Fox, 1951).

Isso não é privilégio do mundo capitalista, se nas redes de televisão capitalistas o consumo é abertamente estimulado e a opinião pública conformada, nas redes de televisão socialistas isto também não deixa de ocorrer. Mais revolucionária do que a queda de Ceausescu na Romênia, em dezembro de 1989, e as transformações havidas, foi a forma com que esta revolução se desencadeou: a luta girou fundamentalmente em torno do domínio da rede de televisão... Não se trata mais de tomar a Bastilha, o Palácio de Versalhes, o Palácio de Inverno ou a Cidade Proibida. Não se trata mais de conquistar a sede do poder e de decisão, mas de dominar os meios de telecomunicação. Há uma transmutação significativa nas formas clássicas de tomada do poder e no exercício da guerra.

Entre uma das mais sintéticas e expressivas definições para a abertura dos países do Leste europeu está uma anedota, onde um personagem responde titubeante à indagação se a queda do regime comunista em um certo país se devia a um levante armado das massas: “Bem é que... extrapolamos um pouco por ocasião da comemoração de inauguração do Mc Donalds...” Ou seja, mesmo os países “socialistas” acabaram por introjetar os padrões de consumo e os sistemas de valor do capitalismo ocidental, escancarando-se, alguns avidamente, para o serialismo da mídia (mesmo ideal de status, mesmas modas, mesmo rock, etc.) (GUATTARI, 1990:11). Neste ponto Andrej Wadja (*Danton ou o processo da revolução*, França, Gaumont, 1982) sintetiza de modo perfeito tal ânsia na resposta de Danton às críticas de Robespierre aos seus desvãos: “Fiz a revolução, e como eu os que nada possuem, não para viver como um padre como você, mas para poder tomar um bom vinho, comer uma boa comida e uma bela mulher”. Apenas os pequeno-burgueses que se crêem a vanguarda do proletariado, incumbidos de uma missão messiânica, podem crer na necessidade de um ascetismo que iguale os homens a nível da satisfação apenas das necessidades básicas. O que se almeja é a busca da felicidade mediante a satisfação de desejos básicos ou não, é se viver bem e não trabalhar como um mouro de sol a sol.

Pensar a sociedade tal como a conhecemos, transformá-la em globalidade, é ideologizar nossa reflexão e esquecer a diversidade. Para apreendê-la, gostaríamos de assinalar (a despeito de não pretendermos no momento enveredar por este caminho), seria preciso antes definir a natureza da dominação exercida pelos sistemas sobre o conjunto da sociedade, que produz mais modelos de comportamento que bens, mais cultura que máquinas (vide a este respeito TOURAINE, 1988 :114 e ss). A dominação nos dias atuais realiza-se mais eficazmente através da emissão de mensagens e na redução do público a uma massa passiva de consumidores espectadores do que mediante a manutenção de tropas na rua.

Uma comunhão de interesses, inimaginável em relação a qualquer atividade política, pode ser transposta do futebol para a “televisão”, enquanto fato sócio-cultural. Basta pensar na comoção que causaria a invasão de um programa dominical com altos índices de audiência ou na tragédia “social” representada pela pane de um satélite de telecomunicações em uma final de Copa do Mundo...

*Há uma coisa que...nenhum movimento estudantil, revolta urbana, contestação global ou o que seja, poderá jamais fazer. É invadir um estádio aos **domingos**...mas se alguém ocupasse um estádio.. .a Igreja, a Esquerda, a Justiça, os Chineses, a Liga pelo Divórcio e os Anarco-Sindicalistas, todos levariam ao pelourinho os criminosos (ECO, 1984 :220 grifo meu)).*

Agora temos os grandes eventos esportivos, as paradas militares e os desfiles estudiantis, aos quais podemos *assistir* ao vivo ou pela televisão. A festa, celebração da comunhão entre o homem e a natureza, se desmancha no moderno em um outro tipo de celebração (LEFEBVRE, 1969:121-122). Enquanto primeiro há uma incorporação dos ritmos da vida e do trabalho na festa, onde todos participam, expressa em imagens do filme *Powaqqatsi* na dança dos índios bolivianos, dos aborígenes africanos, das mulheres da Ilha da Madeira, todos em roupas típicas, superpondo-se e confundindo-se em um mesmo ritmo como se celebrassem uma mesma festa, dispendendo suas reservas e apostando no porvir<sup>6</sup>. Onde a dignidade em seus rostos, nos faz pensar... que não possuem nada, são pobres em tecnologia e em riqueza material, porém conseguem se bastar em sua pobreza, de forma qualitativamente diferente dos despossuídos habitantes das favelas que perderam seus meios de subsistência e que, a despeito de sobreviver em um meio altamente tecnologizado, a ele não têm acesso, a não ser através das imagens coloridas transmitidas por seus televisores.

No espaço artificial da cidade moderna há um processo catártico de fuga e alienação da realidade cotidiana. Novos ritos e ritmos substituem os anteriores e perde-se o elemento lúdico em meio ao primado da mídia conforme a informação toma o lugar do evento, degradando-se a experiência<sup>7</sup>.

## **5ª Cena: Horizonte perdido: os descaminhos urbanos**

Em certo momento do filme *Powaqqatsi* temos imagens de um imenso mercado, assemelhando-se a uma festa onde tudo acontece, pessoas se encontram, comemoram, bebem, compram, vendem, cortam os cabelos, ajeitam casamentos, dançam, cantam etc. e ao pôr-do-sol este mercado se esvai em caravanas de camelos e burricos, dando

<sup>6</sup> Vide LEFEBVRE, H (1977) “Notizen von einen Sonntag in der Campagne” in *Kritik des Alltagslebens*. Kronberg / Germany: Athenaum.

<sup>7</sup> Vide BENJAMIN, W. (1983) *Essais*, Paris: Denoel - Gonthier, 1983:148 apud GUATTARI, (1990:53)

lugar a pequenas fogueiras esparsas, restando naquele lugar apenas as areias do deserto tocadas pelo vento. Intercaladas com imagens de famílias de índios bolivianos carregados com cestas de frutos e outros produtos a caminhar pelos campos, tornando-se um caudal em direção a uma pequena vila. Peregrinações em massa em direção a cidades sagradas. Festas da colheita na Itália. Se o mercado, enquanto local da troca do excedente, é um fator para o surgimento da cidade, o que dizer dos mercados sem cidade, realizados por nômades no deserto, desde tempos imemoriais. Dos mercados realizados nas pequenas vilas e cidades onde é associado à festa e não apenas local de troca, onde se realizam casamentos, alianças, etc. Urbano efêmero, urbano sem cidade, fatos urbanos desligados da ocupação física no território, constituindo-se em uma modificação transitória de uma paisagem?

A cidade não é fruto do capitalismo, ela o antecede. O que não significa dizer que a cidade hoje não seja resultante das transformações impostas pelas necessidades subjacentes ao desenvolvimento do próprio modo de produção capitalista impostas pelo desenvolvimento tecnológico.

A cidade próxima ao que conhecemos tem por base para sua definição, entre outros estamentos, o estamento da burguesia (WEBER, 1967). Porém é este que possibilita o surgimento do burgo. Sem o estamento da burguesia, para Weber, tais formas de organização espacial e social seriam meras aglomerações, a despeito da organização política, religiosa jurídica e burocrática. E o que dizer do que antecede ao burgo, ultrapassou-o, e que jamais chegou a tal? Reduzir a cidade ao produto de um modo de produção representa relegar, ou mesmo desprezar outros fatores, entre eles o cultural. A análise de Marx não chega a considerar o cultural, enquanto fator de peso, porém não existiria capitalismo tal como o conhecemos hoje se não houvesse cidades, e muitas vezes esquecemos que não haveria cidades se algumas sociedades não possuíssem, enquanto traço marcante de sua cultura e *modus vivendi*, o sedentarismo ao invés do nomadismo.

É inegável o papel e o peso da tecnologia na conformação da cidade moderna, porém a cidade não é fruto apenas da tecnologia e da divisão social e territorial do trabalho, enquanto objeto mas em termos de qualidade enquanto processos e fluxos que nela se desenrolam que lhe conferem o caráter qualitativo de urbanidade.

A cidade contemporânea, permeada por modernas tecnologias de abastecimento, telecomunicações e transportes, é qualitativamente diferente das cidades do século passado, porém em substância permanece enquanto cidade. Estas, em essência, eram cidades, porém em termos qualitativos não se aproximam das cidades atuais: aí entra o papel da inovação tecnológica e das transformações que produz no meio.

Na era da revolução informática voltamos a nos perguntar onde está o limite entre cidade e campo. A radicalização primeva entre estes dois espaços tende a se desfazer com o deslocamento das unidades de produção industrial para o campo, com a tecnologia da produção agrária, com a descentralização da produção em unidades automatizadas poupadoras de mão de obra, com a ampliação tentacular das redes de serviços mediante a expansão das redes de telecomunicação.

É gritante a diferença de ritmos e intensidades do desenvolvimento. Assim como o tempo ganha uma nova dimensão no urbano, o espaço e a paisagem se modificam e se adequam a novas necessidades. O filme *Powaqqatsi* ilustra-nos tal transformação. Surgem em meio a diversas imagens formas de agrupamento humano. Cidades? Pequenas aldeias, vilas, povoados, cidades onde inexiste outro transporte que não seja a tração animal, onde os métodos de trabalho ainda são manuais, artesanais, onde a vida é regulada pela velocidade natural do caminhar, que nos levam a indagar onde estaria o tênue limite cidade-campo. Limite que de certa forma se esvai, na apresentação de formas primitivas de produção e sua articulação com elementos de uma sociedade industrial.

As imagens da natureza, onde o homem e suas cidades se perdem em vastidões infinitas, onde o horizonte é vislumbrado e os ritmos da vida cotidiana são regulados pelo ritmo natural entre o nascer e o pôr do sol são substituídos, com o advento da modernidade, pelas frias formas da paisagem urbana moderna, uma paisagem não-natural, um espaço que perdeu a profundidade, frio, limpo, estéril e pasteurizado que em suas formas arquitetônicas procura recriar a natureza e capturar o seu vigor.

Na paisagem “moderna” constituída de espaços-formas restritos por *outdoors*, paredes de aço, vidro e concreto, por túneis, iluminada perenemente, dia e noite, o cotidiano se alarga além do nascer e do pôr do sol. Esta é uma paisagem onde as distâncias são suprimidas pelos transportes, alta velocidade e redes de comunicações, onde a profundidade perde-se nas fachadas espelhadas dos arranha-céus.

Essa paisagem é levada às últimas conseqüências nos filmes *Brazil* (“*Brazil, the movie*” de Terry Gillian. Grã Bretanha, Embassy, Universal, 1985) e *Blade Runner* (“*Caçador de Andróides*” de Riddley Scott, USA, The Ladd Company, Columbia Tri-Star, Warner Brothers, 1982.). Em momento algum dentro da cidade vislumbra-se o horizonte, o nascer e o pôr do sol, circula-se por corredores, subterrâneos. O distanciamento e alienação do homem com a natureza atingem aí seu ponto máximo. A duração do dia não é mais regulada por ciclos naturais mas por luzes artificiais acionadas por computadores<sup>8</sup>.

Em *Brazil* temos uma cidade construída com cenários, que remete-nos à uma radicalização de *Metropolis* (Fritz Lang, Alemanha, UFA, 1926), onde o distanciamento do homem da natureza é expresso na fuga dos protagonistas por um corredor infundável cujas paredes são *outdoors*, de súbito uma tomada propicia-nos visualizar além destas paredes os campos cultivados e as vacas nos pastos. Neste filme o confinamen-

---

<sup>8</sup> Isto é levado às últimas conseqüências em *O Vingador do Futuro* (“*Total Recall*” de Paul Verhoeven, USA, Carolco, 1990), onde a ação passa-se em um planeta Terra onde não se vê a natureza e no planeta Marte sob uma redoma de vidro, onde é mimetizada a duração do dia terrestre. Já em *Cidade das Sombras, Proyas*, (*Dark City*. USA, Warner Brothers, 1998) a luz do sol sequer chega a penetrar em um mundo que se resume a uma cidade, em constante remodelação e onde inexiste natureza.

to do homem e a desumanização do indivíduo são levados às últimas conseqüências, seu “*leit motiv*” gira em torno da conscientização de um burocrata do futuro a partir da prisão e morte equivocada de um indivíduo, gerada pela queda de uma barata durante a impressão computadorizada da ordem de prisão. A modernidade convive com a decadência na ambientação com computadores dotados de telas sem caixas, ventiladores de teto, apartamentos hiper-super funcionais, onde tudo é automatizado, medido, regulado e controlado pelo Estado, onde o conserto de um encanamento envolve o desenrolar de um processo burocrático capaz de deixar Kafka perplexo, onde inclusive se passa recibos pelos indivíduos, onde, se uma pessoa não constar dos registros, ela não existe.

Já *Blade Runner* apresenta-nos uma visão terrível de um futuro que já está aí. A cidade que surge feérica no princípio do filme e onde se passa a ação é Osaka, no Japão representando uma hipotética Los Angeles do futuro, com propagandas em japonês, onde o *fast-food* dominante é *sushi* e não *hamburguers...* A ambientação da cidade é fantasmagórica, moderna e decadente, não é uma paisagem limpa esteticamente, mas enevoada, povoada de prédios gigantescos piramidais e por outros mais antigos da década de 50, decadentes, em ruínas. Coexistindo com o futurismo de certas imagens, temos ventiladores de teto, trajes da década de 40.

Estes filmes apresentam-nos uma visão desalentada do futuro, onde a possibilidade de uma hipotética guerra atômica já foi descartada, onde o afastamento do homem com relação à natureza tornou-se total.

Hoje a desumanização do indivíduo é parte do cotidiano nos meios tecnologicamente desenvolvidos. “É por isso talvez que alguns dos filmes mais importantes de ficção científica dos últimos anos transferem a formas não-humanas capacidades de sentir e de se reproduzir para logo aniquilar umas e outras” (PEIXOTO e OLAL-QUIAGA, 1988:86). Em *Blade Runner*, a tecnologia atinge a quase perfeição mediante andróides humanos programados para viver quatro anos, cujo defeito é desenvolver um forte apego à vida:

*Indecisos entre as memórias que lhes foram implantadas e suas próprias vivências, os andróides reclamam a validade de suas experiências e a injustiça de uma vida tão arbitrariamente efêmera. A dor de alcançar a humanidade para perdê-la faz ressaltar quase de imediato a insensibilidade do mundo que os criou. Morrem por ser mais humanos que seus criadores (idem).*

Se por um lado estes filmes apontam-nos a violência e a força da natureza, por outro apresentam a violência, virulência e dinamismo desta mesma sociedade industrial. Se há de se pensar em urbanismo e qualidade de vida, é necessário refletir também sobre o modo de vida, quadro de vida e condição de existência.

## 6ª Cena: Oásis ou miragens – esperanças cotidianas ?

A força das redes de televisão é a mais clara manifestação, hoje, da concentração do poder não só na ordem econômica, mas também no domínio cultural (TOURAINÉ, 1988: 168). E o futuro desenvolvimento da telemática tende a reforçar tal concentração. Mas, em contrapartida, a produção cultural pode ser também um meio de esclarecimento, desalienação e libertação.

O fator cultural tende a deixar de ser puramente uma manifestação da superestrutura e passa a ser também determinante de atos e ações cotidianas, conformando inclusive não só as relações sociais. A questão não se reduz a ser este ou aquele o fator determinante em última instância ou em primeira instância. Uma separação dos condicionantes, necessária para a reflexão analítica, acaba por nos fazer esquecer por vezes a conjugação dos diversos condicionantes, a prática usual de dizer econômico em última instância leva-nos a relegar o cultural como fator superestrutural não prioritário na análise. Não se trata de desmerecer um e relevar o outro, mas de procurar uma conjugação que enriqueça a análise e a leitura dos fatos sociais.

Não há mais, pois, como estudar os fatos sociais separadamente dos fatos culturais e econômicos, com o risco de reduzirmos a análise a uma construção ideologizada do concreto real. E, também, não devemos reduzir a leitura de uma sociedade apenas a seu modo de desenvolvimento, confundindo sistema social e conjunto histórico (TOURAINÉ, 1988 :109). Assim:

*...libertar o estudo dos fatos sociais dessas duas concepções é alçar ao primeiro plano a análise das relações sociais... movidas por grandes orientações culturais. O que esvazia a representação da sociedade como uma construção de dois andares - infra-estrutura e superestrutura... (idem)*

*Estamos habituados a criticar as relações de produção e opô-las às forças produtivas. As máquinas, a informação, a mudança eram em si valores positivos: a cultura estava acima da sociedade. E eis que esta confiança em um mundo superior ao das relações sociais desmorona. Não há mais fuga nem refúgio possível. O poder está em toda a parte, e não escaparemos dele apelando aos deuses, ao Homem ou à História. Só podemos contar com nossas próprias forças, com nosso desejo de liberdade e com os movimentos sociais por ele estimulados. (idem: 116)*

Coloca-se na ordem do dia a necessidade de se repensar as formas de reflexão dos fatos sociais na atual etapa pós-industrial, pós-moderna, pós-pós... Nossos velhos instrumentos metodológicos mostram-se insuficientes para dar conta da complexidade que desponta em grau jamais imaginável há cem anos atrás a não ser nos devaneios futurísticos da obra de Jules Verne.

Urge, portanto, considerar outros fatores além do econômico na tentativa de compreender as transformações da realidade que nos circunda e envolve. Não é nossa

intenção dar conta aqui de tal complexidade. Procuramos apenas alertar para alguns cuidados a serem tomados na análise dos fatos, entre eles o fato urbano. Em suma, parece-nos importante lembrar não ser o sistema social um trem nos trilhos da história, movido por uma locomotiva; fator dominante ou **última instância**, ele deve ser analisado em termos de ação social e de relações entre atores orientados social e culturalmente (TOURAINÉ, 1998).

Nesta linha, Berman auxilia-nos com seus comentários às críticas de Marcuse a Marx. Para Marcuse<sup>9</sup> a exaltação acrítica de Marx do valor do trabalho e da produção negligenciaria outras atividades humanas e modos de ser que teriam pelo menos a mesma importância. A visão marxista, assim, omitiria a sensação de unidade com a natureza, preferível ao bem sucedido domínio sobre esta. Mas, ao privilegiar o ideal de Harmonia entre homem e natureza, Marcuse esquece que chegar a ele requer esforços prometéicos.

Tendo em mente a negligência de outros fatores frente ao econômico como determinante, há limitações no conjunto da obra de Marx com relação ao problema urbano (LEFEBVRE, 1969:77), apesar das indicações sobre a cidade e as relações históricas entre cidade e campo. Porém, Engels (1976) traça um quadro do padrão de vida dos trabalhadores e da importância das grandes cidades como locais típicos do capitalismo. Mesmo então o problema maior não se resumia ao abrigo, mas às condições de vida, higiene, abastecimento, lazer, etc, necessidades impostas pelo vida na grande cidade. A problemática do “viver”, porém, é deixada de lado pela do “trabalho” e “desenvolvimento”, em nome da implementação de formulações que balizassem a luta política.

Esta atitude permaneceu e ainda está em voga em certos meios, ao se relegar elementos e atividades que não possuam uma relação direta com a atividade política, atrelando-os à rabeira desta. Ao tratar da importância da vida e da ação públicas, Arendt, por exemplo, não esclarece o que seriam a vida e a ação públicas, “salvo a idéia da vida política **não** incluir as atividades cotidianas das pessoas, seu trabalho e suas relações de produção” (Arendt, apud BERMAN, 1986:123).

Parece-nos, pois, importante considerar as colocações de Heller<sup>10</sup> a respeito do papel da vida cotidiana. Ao integrar a definição de vida cotidiana a outras atividades e

---

<sup>9</sup> Para validar, rapidamente, a pertinência desta colocação incorporo aqui os comentários de Berman a respeito das críticas feitas a Marx por Marcuse em sua obra *Eros e Civilização* (v. BERMAN, 1986:122 e ss)

<sup>10</sup> Colaboradora de Lukács, parte da concepção do marxismo como ontologia do ser social (concepção desenvolvida sistematicamente nas últimas obras de Lukács), opõe-se tanto ao historicismo subjetivista (que dissolve as objetivações humanas em sua gênese social imediata) quanto às versões estruturalistas do marxismo (que substituem a dimensão ontológico social por um epistemologismo formalista e anti-histórico). A temática de sua obra *O Quotidiano e a História* é o inteiro sistema dinâmico das categorias da atividade do pensamento cotidiano.



modos de ser, permite-nos entender a vida cotidiana como parte intrínseca do processo de produção e da vida política; contrariamente a Arendt, para quem as atividades cotidianas fariam parte dos ‘cuidados domésticos’, um âmbito subpolítico,(...) desprovido de criar valores humanos” (BERMAN, 1986:123).

A vida cotidiana traduz-se na vida de todo homem, “todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico” (HELLER, 1972:17), ninguém pode desligar-se por inteiro da cotidianidade e não há quem viva exclusivamente na cotidianidade, embora essa o absorva.

Há que se recuperar o conceito de modo de vida, em uma perspectiva marxista para enriquecer a reflexão acerca do urbano. Este conceito foi posto de lado, e todos os que o usavam recebiam o rótulo de culturalistas; urge, pois, recuperá-lo em uma perspectiva que integre o econômico com o cultural.

Lembramos que para Weber (1967) o cultural, entre outros fatores, também seria determinante para a delimitação e definição da cidade. Weber procura estabelecer um marco conceitual para a definição de cidade, e delimitar em todos os níveis possíveis de análise (social/estamental, econômico, político, jurídico, etc.) seu objeto de estudo: a cidade. Para ele a cidade existiria **para** e **no** capitalismo enquanto forma particular de organização social/estamental, econômica e político-administrativa - enquanto um tipo ideal localizável espacial e temporalmente (WEBER, 1967:73). De certa forma esta proposição encontra ressonância em diversos autores contemporâneos, inclusive na linha da teoria social crítica. Ao considerar a limitação da abordagem sociológica na definição do conceito de cidade, enquanto um estabelecimento amplo e conexo de casas pegadas, Weber pondera que “nesse caso só localidades relativamente grandes seriam cidades e dependeria das condições culturais gerais o ponto a partir do qual se deveria considerá-las como tal” (idem). Isto porque o que é grande ou amplo é extremamente relativo, não só em termos históricos mas em termos das especificidades de cada formação econômica e social. Se Londres e Paris no século XIX eram consideradas grandes cidades em função de sua dimensão populacional, o que dizer de algumas cidades japonesas no mesmo período que chegavam a possuir o dobro se não o triplo de habitantes... Não se trata apenas de uma questão de tamanho mas de processos de organização social, política e econômica estruturada de maneira peculiar no território.

## **7ª Cena: Engatinhando na (/no modo de) vida**

A maior parte da produção teórica relativa ao campo do urbano tende a tratá-lo por inferência (RANDOLPH & LIMONAD, 1986: 53 e ss). Não é o urbano que é estudado, enquanto objeto carente de reconstrução teórica, mas seus atributos, sua expressão no espaço físico, os processos de intervenção, regulação, controle, etc. tanto para cidades específicas, quanto para conjuntos de cidades. Contribui para isso a imprecisão e indeterminação teórica do termo, o que aponta-nos a premência

de sua reconstrução teórica enquanto conceito/objeto de estudo. A despeito da relevância deste ponto não há como fazê-lo neste ensaio, nem é esta nossa intenção. Mas antes de prosseguirmos gostaríamos de tecer algumas considerações a este respeito<sup>11</sup>.

Por sua indeterminação enquanto categoria de análise este termo é apropriado diferenciadamente. A nível da linguagem técnico-administrativa é reduzido à sua expressão particular no espaço físico: a cidade enquanto ambiente construído. Já na produção teórico-acadêmica é encarado ampliadamente, sem uma definição precisa. É frequente o encontrarmos associado a outros termos, categorias, adjetivando-os. Mas sua imprecisão, além de permanecer, amplia-se, estendendo-se ao conjunto de categorias a ele associadas.

Não há como trabalhar o urbano sem relacioná-lo com o não urbano, com o que existia antes de ser/virar/tornar-se urbano e com o contexto geral em que se inscreve.

Historicamente, pode-se dizer que o urbano surge da especialização da divisão social e territorial do trabalho, e tem por pressuposto a aglomeração humana, a concentração das relações sociais de produção no espaço, o ambiente construído, sua distribuição no espaço físico, a organização e adequação deste espaço às necessidades dos homens e da produção. A aglomeração, concentração e organização, pontos necessários porém insuficientes para a compreensão do urbano.

Tornar urbano/urbanizar, implica em introduzir no espaço algo que antes não existia, pela ação dos homens. Em transformar as relações sociais de produção, em organizar este espaço de forma particular, em um *modo de vida cotidiano*, não apenas como cultura<sup>12</sup> O que nos aponta a necessidade de se começar a recuperar a categoria “modo de vida” e, a conveniência de levantar algumas considerações que permitam-nos começar a engatinhar nesta direção, tomando em conta os pontos levantados no decorrer deste trabalho.

Consideraremos, primeiro as categorias “condição de existência” e “quadro de vida”. Inicialmente, podemos dizer que a “condição de existência” se define mediante o tipo e o grau de inserção no mercado de trabalho, formal ou informal; refere-se, pois, diretamente à situação material dos indivíduos e conforma seu quadro de possibilidades e de desenvolvimento de suas potencialidades. Pode-se dizer ainda que a “condição de existência” configura-se de maneira específica em cada modo de produção. Já o “quadro de vida”, por sua vez, concerne o nível de satisfação das necessidades básicas e às possibilidades ao alcance dos indivíduos, em relação direta com a situação material dos indivíduos, com o seu rendimento; assim, é determinado a partir da “condição de existência”.

---

<sup>11</sup> Avançamos posteriormente neste sentido em LIMONAD, 1999.

<sup>12</sup> Ao utilizarmos o termo cultura não o fazemos limitando-o à concepção de folk, e sim enquanto super-estrutura

A categoria “modo de vida” fetichizada tende a excluir a categoria trabalho. Entretanto, podemos pensá-la de uma forma mais ampliada, para tanto necessitamos de articulá-la com a “condição de existência” e o “quadro de vida”. O “modo de vida” é parte da cultura do indivíduo, de seu conhecimento intuitivo e de seus valores. Ou seja conforma a vida cotidiana. Para Heller (1972:18 e 19) o homem nasce inserido em sua cotidianidade, e amadurece, ao adquirir todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. Sua assimilação da manipulação das coisas é sinônimo da assimilação das relações sociais. E, se a assimilação da manipulação das coisas (do domínio da natureza e das mediações sociais) é condição de amadurecimento do homem, o mesmo pode-se dizer das formas de intercâmbio e comunicação social. O homem, assim, amadurece quando é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em sistemas que não possuem a dimensão do grupo, de mover-se no ambiente da sociedade em geral e de mover este mesmo ambiente. Desta forma a vida cotidiana não está “fora da história” mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social. Portanto, o “modo de vida” está relacionado com a forma com que o indivíduo assimila, absorve e manipula as coisas, em certo grau determina sua relação com o mundo.

O “modo de vida” refere-se, então, à inserção sócio-cultural dos indivíduos no sistema. Ao conformar a vida cotidiana, torna-se parte das condições objetivas materiais da vida dos indivíduos, de sua situação material e inserção no mercado de trabalho, integra, assim, a “condição de existência” e o “quadro de vida”, conformando-as e sendo por elas conformado. Podemos, então, falar de um *modo de vida cotidiano*, não apenas como cultura, mas sim também enquanto satisfação de necessidades básicas (“quadro de vida”), enquanto relações cotidianas que os homens travam entre si e o meio em que vivem, enquanto estratégias de reprodução e sobrevivência (“condição de existência”), que configuram as condições de vida de largas parcelas de população, enquanto modo de produzir e reproduzir as relações sociais de produção no cotidiano, enquanto uma das expressões no cotidiano do modo de produção.

O indivíduo, transplantado de uma sociedade para outra, transporta consigo seu modo de vida anterior, parte de uma vivência acumulada, pois esta não é uma bagagem da qual pode-se desvencilhar de um momento para o outro, faz parte de sua experiência vivida, de seu conhecimento acumulado e condiciona em certo grau suas relações com o mundo que o cerca. Seu “modo de vida”, assim, irá influir em seu novo “quadro de vida”, ou seja além de assimilar novos valores e adquirir novas “necessidades” tenderá a manter os anteriores, a despeito de modificações ulteriores em sua “condição de existência”.

O que nos parece importante considerar aqui é que a satisfação das necessidades, o “quadro de vida”, está ligada à “condição de existência” do indivíduo, enquanto ser particular e genérico e depende do seu sistema de valores. Para Heller (1972: 20 e ss) as necessidades humanas tornam-se conscientes no indivíduo sempre sob a forma do *Eu*. A dinâmica básica da particularidade individual humana consistiria na

satisfação das necessidades do “EU” específico, independente do conteúdo de suas necessidades (idem).

Na configuração do quadro de necessidades básicas, porém, não podemos deixar de lado o papel da mídia, cujo efeito direto é a extrapolação das necessidades básicas para o consumo não essencial, conforme Touraine.

Heller, de certa forma, fornece-nos instrumentos para responder às indagações de Touraine (1988: 115), quando este nos alerta para o problema gerado pela produção da demanda de consumo, no campo das necessidades básicas, pelas agências de propaganda, pelas empresas e pela tecnocracia, que a adequam à oferta por elas mesmas controlada. Indagando, então: como falar em resposta às necessidades básicas e fundamentais?

Por outra parte, ao falarmos de necessidades, principalmente daquelas gestadas artificialmente pela mídia, parece-nos pertinente assinalar a importância de se diferenciar as que são incorporadas e permanecem, passando a fazer parte de um quadro de necessidades gerais, daquelas que não passam de modismos passageiros. Destarte, a despeito da relevância das colocações de Touraine, principalmente no que concerne à dominação cultural, parece-nos, se considerarmos Heller, que a indagação de Touraine é mais uma força de expressão retórica, do que um fato consumado.

#### **A CIDADE NA PÓS-MODERNIDADE ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE**

**Resumo:** Este artigo é fruto da reflexão sobre o documentário *Powaqqatsi*, ao qual somamos um conjunto relativamente atual de filmes de ficção científica, que tomam a cidade em função do desenvolvimento tecnológico. Não analisamos a mensagem destes filmes, mas tomamos emprestadas suas imagens para ilustrar este ensaio. Este artigo serve-me para levantar *experimentalmente*, sem maiores pretensões, alguns pontos que permitam interrelacionar os conceitos “quadro de vida”, “condição de existência” e “modo de vida”, necessários para a compreensão de alguns aspectos da diversidade e complexidade da totalidade no urbano hoje.

*Palavras-chave:* Cidade, pós-modernidade, modo de vida.

#### **THE CITY IN POST-MODERNITY BETWEEN FICTION AND REALITY**

**Summary:** This article results from the reflection about the documentary “Powaqqatsi”, to which we have added an ensemble of science fiction movies regarding the city from the technologic development standpoint. We do not analyze these movies message, but borrow their images to illustrate this essay. This article is a way for me to discuss in a experimental manner, without other intentions, some issues which may allow me to interrelation the concepts “living framework”, “condition of existence “ and “way of life - needful and basic for understand some aspects of the diversity and complexity of the totality in the urban today.

*Keywords:* City, postmodernity, use of life.

## Referências Bibliográficas

- BERMAN, M. (1986) *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ECO, U. (1984) *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ENGELS, F. (1976) *The Condition of the Working Class in England*. London: Granada.
- GUATTARI, F. (1990) *As três ecologias*, Campinas: Papyrus.
- HELLER, A. (1972) *O Quotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LEFEBVRE, H. (1969) *O Direito à Cidade*. São Paulo: Documentos.
- LIMONAD, E. (1999) Reflexões sobre o espaço o urbano e a urbanização. Niterói: *Geographia*, Ano I, vol. I [:71-92]
- LIMONAD, E. e RANDOLPH, R. (2000) Cidade, Lugar e Representação. Sua crise e apropriação ideológica num mundo de Urbanização Generalizada in *Anais do 6º Seminário da História da Cidade e do Urbanismo*. Natal: UFRN e ANPUR
- PEIXOTO, N.B. & OLALQUIAGA, M.C. (1988) A pós-modernidade na ficção científica in OLIVEIRA, R.C. et.al.- *Pós-Modernidade*. Campinas: Unicamp.
- RANDOLPH, R. & L.LIMONAD, E. (1986) Balanço Quantitativo da Produção Técnico Científica em Planejamento Regional, Urbano e Habitacional (1980/86): Síntese do Documento Preliminar in *Anais do I Encontro Nacional da ANPUR*. Nova Friburgo: ANPUR.
- RIBEIRO, A.C.T. (1989) Comunicação e Metrópole. Miami: *XV International Congress of the Latin American Studies Association (LASA)*.
- TOURAINÉ, A. (1988) *O pós-socialismo*. São Paulo: Brasiliense.
- VELHO, G. (1978) Observando o Familiar in NUNES, E. (org.) - *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WEBER, M. (1967) Conceito e Categorias da Cidade in VELHO, O.G.(org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar. [:72-96]

## Referências Filmográficas

- Alex Proyas “*Cidade das Sombras*” (*Dark City*) USA, Warner Brothers, 1998.
- Andrej Wadja “*Danton ou o processo da revolução*” (*Danton*) França, Gaumont, 1982.
- Cecil B. de Mille “*Os dez mandamentos*” (*The ten commandments*), USA, Metro Goldwyn Mayer, 1956.
- Fritz Lang “*Metropolis*”, Alemanha, UFA, 1926.
- Godfrey Reggio “*Powaqqatsi*” , USA, George Lucas e Francis F. Coppola- Golam Globus, 1988.
- Paul Verhoeven “*O Vingador do Futuro*” (*Total Recall*), USA, Carolco, Tri-Star, 1990.

Ridley Scott “*Caçador de Andróides*” (*Blade Runner*), USA, The Ladd Company, Columbia Tri-Star, Warner Brothers, 1982.

Robert Wise “*O dia em que a terra parou*” (*The day the Earth stood still*) . USA, 20th Century Fox, 1951.

Terry Gilliam “*Brazil, o filme*” (*Brazil, the movie*). Grã Bretanha, Embassy, Universal, 1985.